

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

---

A “renascença portuguesa”,  
movimento plural

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2021



## A “renascença portuguesa”, movimento plural

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

1. Na carta que, em 26 de Julho de 1911, Jaime Cortesão dirigiu a Raul Proença, pouco tempo depois da publicação do derradeiro número da primeira série de *A Águia*, em que ambos haviam colaborado, o futuro autor de ... *Daquém e dalém* *Morte* falava-lhe “da necessidade de fundar uma Associação de artistas e intelectuais portugueses com o fim principal de exercer a sua acção (...) orientadora e educativa, isenta de facciosismos políticos, num meio como o nosso, em que não há grandes ideias, nem grandes homens que as imponham.”

E acrescentava Cortesão: “um dos primeiros objectivos a realizar seria a fundação de uma revista orientadora e educativa, órgão dessa Associação, que, assim apoiada, deveria vingar”, admitindo que, para o efeito, se poderia aproveitar *A Águia*, embora com “largas modificações”, pela vantagem de ela dispor já de “certo público e de uma certa organização”, e cuja direcção pensava poder vir a ser confiada a Teixeira de Pascoaes, notando, contudo, que o essencial era que a revista dispusesse de “um corpo de redacção efectivo”, que, efectivamente, a dirigisse.

Continuando a delinear os termos do projecto que submetia à consideração de Proença, Cortesão salientava que, para garantir uma escolha rigorosa dos membros da futura Associação, a fim de que nela “só entrasse gente da mais comprovada honestidade”, se lhe afigurava conveniente começar por formar “primeiro um grupo organizador que, depois de sucessivas sessões, discutiria a entrada de novos sócios, que seriam admitidos ou não segundo a votação desse grupo”, aditando, com ironia: “É possível que assim o sufrágio desse resultados...”

Propunha, ainda, o autor de *A morte da águia* que a futura Associação viesse a ter um âmbito nacional, dispondo de três grupos, sediados em Lisboa, no Porto e em Coimbra, não se dispensando, também, de sugerir o valor da jóia e das quotas mensais dos seus associados.

Cortesão apresentou esta sua proposta a vários outros colaboradores da primeira série da revista portuense, que entenderam dar-lhe seguimento, tendo,

para o efeito, reunido, primeiro em Coimbra, em final de Agosto seguinte, e, depois, em Lisboa, em meados de Setembro, reuniões em que foi deliberado criar uma associação cultural denominada *Renascença Portuguesa*, designação que a maioria preferiu à de *Renascença Lusitana*, defendida por Pascoaes.

Nestas reuniões verificou-se haver diversidade de pontos de vista entre os promotores nortenhos da iniciativa e o grupo lisboeta que a ela aderiu, bem expressa na impossibilidade de acordo acerca de dois projectos diferentes de manifesto, apresentados, respectivamente, por Pascoaes e Proença, vindo a caber ao poeta amarantino, na qualidade de seu director literário, a redacção do editorial do primeiro número da II série de *A Águia*, como órgão da nova associação cultural, sediada, provisoriamente, na capital no norte e cuja finalidade era “promover a maior cultura do povo português” e “o desenvolvimento educativo de todos os cidadãos portugueses, por meio da lição, da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, da Universidade Popular, da excursão, da exposição, etc.”, como se dispunha nos seus Estatutos.

2. Ao longo dos dois decénios em que desenvolveu a sua actividade, a *Renascença Portuguesa* cumpriu, no essencial, os objectivos culturais e educativos assim enunciados, desde logo, através das duas centenas de números que compõem as quatro séries (II a V) de *A Águia*, e das quatro dezenas de números do seu boletim *A Vida Portuguesa*, editado de 1912 a 1915, sob a direcção de Jaime Cortesão e em que foram abordados alguns dos mais candentes problemas educativos, económicos e sociais com que o País então se debatia, desde os problemas da emigração, da instrução secundária ou das bibliotecas populares até aos relativos ao porto de Leixões, às quedas do Lindoso ou aos problemas da agricultura e da indústria em Portugal.

Ao mesmo tempo, as Universidades Populares do Porto, Coimbra, Vila Real e Póvoa do Varzim realizaram diversos cursos de filosofia, literatura, história, ciências naturais e problemas políticos e sociais, bem como cursos profissionais de comércio e tipografia, sendo a obra cultural e educativa da *Renascença* completada e desenvolvida por uma notável actividade editorial, que excedeu as duas centenas de títulos, distribuídos por uma dezena de colecções, que cobriam as mais diversas áreas do saber e da cultura, da literatura à história, da economia

ao ensino, dos clássicos ao direito, em tudo revelando um exigente critério de qualidade e um amplo pluralismo quanto às ideias e às opções estéticas e culturais.

3. Com efeito, diferentemente do que muitas vezes se tem afirmado e escrito, a *Renascença Portuguesa*, movida por um sentimento patriótico de regeneração cultural e educativa do País, na concreta situação histórica em que actuou, não só não se circunscreveram ou encerrou no saudosismo de Pascoaes, como acolheu em si muito diversas opções filosóficas, políticas, estéticas, pedagógicas e historiográficas, ao mesmo tempo que, quer nos cursos das suas Universidades Populares quer nas páginas de *A Vida Portuguesa*, conferiu demorada e informada atenção aos mais importantes e decisivos problemas concretos e práticos com que, então, se defrontava a sociedade portuguesa.

Essa pluralidade afirmou-se, desde logo, na extensíssima lista de colaboradores de *A Águia*, nas quatro séries em que a revista foi órgão da associação renascente, nas pessoas escolhidas para dirigir as várias colecções que editou e nos autores cujas obras publicou.

Para além do grupo de intelectuais, escritores, pensadores e artistas que fundaram o movimento sediado no Porto, pelas páginas do seu órgão principal, entre 1912 e 1932, passaram os nomes mais destacados, ainda vivos, da geração de 1870, como Teófilo, Junqueiro ou Gomes Leal, figuras maiores da geração finissecular, desde Bruno, Basílio Teles, Raul Brandão ou Fialho de Almeida a Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes, Malheiro Dias ou Alberto de Oliveira, alguns dos mais ilustres professores da Faculdade de Letras do Porto (Damião Peres, Luís Cardim, Ângelo Ribeiro, Newton de Macedo, Teixeira Rego, Aarão de Lacerda, Hernâni Cidade), escritores como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Aquilino Ribeiro, Veiga Simões ou Vitorino Nemésio, os principais mentores da Presença (José Régio, Casais Monteiro, Branquinho da Fonseca, Gaspar Simões, Alberto de Serpa), os então jovens pensadores José Marinho, Sant'Anna Dionísio, Agostinho da Silva ou Delfim Santos, e novos poetas como Anrique Paço d'Arcos, Américo Durão ou Domingos Monteiro. Cumpre lembrar ainda a colaboração que a *A Águia* deram intelectuais, investigadores e eruditos como Aubrey Bell, Ezequiel de Campos, Luís Chaves, Mendes Correia, Vergílio Correia, Aurélio da Costa Ferreira, Philéas Lebesgue, Augusto Martins, José Osório de

Oliveira, Edgar Prestage, Carolina Michäelis de Vasconcelos, Miguel de Unamuno, Ribera y Rovira, Vicente Risco, Noriega Varela, Viana da Mota, João Barreira ou António Baião.

A este propósito, e contra uma ideia generalizada, convém recordar que, apesar das profundas divergências de ideias entre Sérgio e Pascoaes e Cortesão, que levou o primeiro a polemizar nas páginas de *A Águia* (1913-1914), com o poeta de *Marânus* e, em *A Vida Portuguesa*, com o futuro historiador (1913), o ensaísta não só continuou a colaborar, regularmente, no órgão do movimento até ao final deste, como dirigiu a sua *Biblioteca da Educação*, onde, além do primeiro volume dos *Ensaíos* (1920), foram publicados alguns dos seus principais trabalhos de índole pedagógica, como o opúsculo *Educação cívica* (1915), as *Considerações histórico-pedagógicas* (1915), *Educação profissional* (1916), *A função social dos estudantes* (1917) ou *O ensino como factor de ressurgimento nacional* (1918), cumprindo ainda lembrar que a conferência sobre *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares* foi por ele proferida, no Rio de Janeiro, em Dezembro de 1913, em representação da Renascença Portuguesa, para dar a conhecer, no Brasil, os objetivos culturais e educativos da nova associação.

Por outro lado, será ainda oportuno lembrar haver a *Renascença Portuguesa* editado obras de autores tão diversos como Raul Brandão (*El-Rei Junot, Memórias, I, Húmus, Teatro e 1817 – A conspiração de Gomes Freire*), Ezequiel de Campos, Basílio Teles, Carlos Selvagem, Américo Durão, António Arroio, Teixeira Rego, Carolina Michäelis, Leite de Vasconcelos, Mendes Correia, Lúcio de Azevedo, Wenceslau de Moraes, além, evidentemente dos seus fundadores e directores, tendo editado diversas obras de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Mário Beirão, Afonso Duarte, António Correia de Oliveira, Pina de Moraes, Villa-Moura, Aarão de Lacerda e Sant'Anna Dionísio.

4. Mais significativa da pluralidade que caracterizou a associação cultural criada em 1912 foi a que se manifestou nas diversas orientações nela expressas nos domínios filosófico, estético, educativo, historiográfico ou até mesmo político que, longe de a enfraquecer, se revelou um decisivo factor da sua vitalidade, que acabou por se alimentar e robustecer com estas fecundas tensões.

Na verdade, não será, decerto, muito difícil reconhecer haver assinaláveis diferenças, no plano das ideias filosóficas, entre o saudosismo de Pascoaes, o

criacionismo de Leonardo, o idealismo crítico de Sérgio, o racionalismo de Proença, o naturalismo de Teixeira Rego ou o pensamento estético de Aarão de Lacerda, que se exprimiu, acima de tudo, naquilo que diferencia o panteísmo e o ateísmo do primeiro do teísmo cristão do segundo, ou o deste, tanto da ideia de um Deus imanente na consciência do ensaísta, como do ateísmo mitigado do autor do *Guia de Portugal* e da interpretação do mistério da queda proposta na *Nova teoria do sacrifício*. Por outro lado, é significativamente diferente o modo como Leonardo e Pascoaes entendem a saudade e o seu significado e dimensão metafísica, da mesma forma que não pode ignorar-se a oposição crítica de Sérgio à valorização filosófica do sentimento saudoso.

Por outro lado, ainda, se parece inegável o que há de assinalavelmente convergente entre o idealismo criacionista leonardino e o idealismo crítico sergiano, no domínio gnosiológico, igualmente claro se afigura o que, no plano ontológico e teodiceico, distingue ambos os pensadores, assim como não pode ignorar-se que, em Proença, não só o problema do conhecimento recebe uma resposta de teor realista como há um anseio religioso que o aproxima muito mais do filósofo criacionista do que do autor dos *Ensaaios*.

Atente-se, ainda, nas profundas diferenças que se registam entre o modo como a religião e o fenómeno religioso eram compreendidos no pensamento de Leonardo Coimbra, Raul Proença, Teixeira Rego ou Aarão de Lacerda ou como o franciscanismo foi valorizado na obra leonardina e no ensaísmo sergiano, ou na compreensão da história portuguesa proposta por Jaime Cortesão.

Por último, assinale-se, por um lado, o comum interesse especulativo de Leonardo e Sérgio pelo pensamento anterior, a que ambos dedicaram aprofundados e compreensivos estudos hermenêuticos, só parcialmente coincidentes, assim como o diálogo que mantiveram com a filosofia francesa sua contemporânea, em especial com Lachelier, Boutroux, Hamelin e Bergson, no caso do filósofo criacionista, ou com Renouvier e Brunschvicg, no que respeita ao ensaísta, ao mesmo tempo que divergiam, profundamente, no juízo que faziam quer do pensamento do autor da *Evolução criadora* quer do valor estético da obra de Junqueiro.

Por outro lado, registre-se a demorada atenção reflexiva que a obra e o pensamento de Nietzsche mereceu por parte de Raul Proença e de Aarão de Lacerda, contrariamente ao que aconteceu com Leonardo e Sérgio, se bem que este último pareça ter aproveitado do autor da *Origem da tragédia* a contraposição que

abundantemente usou, entre o apolíneo e o dionisíaco, em especial na sua interpretação da figura e da obra de Antero.

Outro aspecto em que são assinaláveis as diferenças entre os pensadores reunidos na *Renascença Portuguesa* é o referente ao problema ou mistério do mal, pois, enquanto, para Pascoaes, teria origem divina, sendo o mundo, a natureza e o homem produto da cisão em Deus, da queda da sua unidade e da diminuição da sua perfeição, e para Teixeira Rego teria a sua origem na passagem da alimentação frugívora para a alimentação carnívora, já para Leonardo Coimbra essa origem encontrar-se-ia na queda, numa liberdade negando-se, escusando-se, fugindo às solicitações do “operoso e onnipotente” amor divino.

5. Também no domínio político eram assinaláveis as diferenças que se registaram entre as mais destacadas figuras do movimento cultural portuense, o qual, note-se agrupava tanto intelectuais republicanos, como Leonardo, Pascoaes, Sérgio, Proença, Cortesão ou Augusto Casimiro, como escritores assumidamente monárquicos, como Afonso Lopes Vieira, António Corrêa d’Oliveira ou Mário Beirão.

Por sua vez, no campo republicano, ao lado do republicanismo autoritário de Basílio Teles e dos defensores convictos e empenhados da democracia liberal, de pendor socializante, como Sérgio, Proença, Leonardo ou Cortesão, vamos encontrar um defensor de uma “democracia rural e religiosa”, de base municipalista, assente no sufrágio orgânico e fortemente crítica dos partidos políticos, cuja acção pretendia ver restringida ou mínimo, senão mesmo suprimida de facto, como era Pascoaes, enquanto, no terreno monárquico, o monarquismo liberal de Afonso Lopes Vieira se afastava, com clareza, do tradicionalismo de Beirão ou Corrêa d’Oliveira.

6. Esta diversidade de atitudes intelectuais projectava-se, igualmente, no domínio educativo, bem patente nas discordantes políticas prosseguidas por Leonardo e Sérgio, como Ministros da Instrução Pública, e nas ideias pedagógicas que propugnaram e na ímpar experiência pedagógica que foi a Faculdade de Letras do Porto, sendo de recordar ainda aqui a polémica travada entre Sérgio e Cortesão, nas páginas de *A Vida Portuguesa*, em 1913, a propósito das Universidades Populares e as *Cartas à mocidade* (1940), com que o grande historiador se

despediu de Portugal, nas vésperas do seu longo e fecundo exílio brasileiro. Contrapunham-se aqui uma concepção pragmática e cívica da educação, de inspiração inglesa, como era a de Sérgio, e uma orientação de cariz espiritualista, centrada no carácter e na realidade portuguesa, como era a teorizada por Leonardo e Cortesão e que Pascoaes igualmente perfilhava.

É, ainda, oportuno lembrar as antagónicas visões da história portuguesa defendidas por Sérgio e Cortesão, de base económico-social, a primeira e de funda inspiração espiritualista, atribuindo decisivo relevo ao elemento religioso e conferindo importante papel aos heróis e à acção individual, a segunda.

7. Se, no que respeita à teorização filosófica da saudade, havia significativas diferenças entre as posições do autor de *Verbo escuro* e do filósofo de *A alegria, a dor e a graça*, também no amplo grupo de poetas que militavam sob o pendão da *saudosismo poético* se registavam diferenças de vulto, em regra desatendidas, cumprindo lembrar aqui não só os muito distintos modos de vivenciar e exprimir a saudade entre os poetas saudosistas associados na *Renascença Portuguesa*, como, ainda, que, à margem dela, se afirmaram, pela mesma época, poetas saudosistas da superior qualidade de António Sardinha, Florbela Espanca ou Guilherme de Faria.

Na verdade, se, em António Casimiro e João de Barros, a saudade assume um carácter vitalista, surgindo associada a uma exaltação da vida e dos valores vitais e pátrios e se, em Afonso Duarte, se reveste de um sentido panteísta, mas de um panteísmo naturalista que está longe de alcançar a dimensão metafísica e transcendente que apresenta na obra de Pascoaes, já em António Patrício aparece intimamente unida ao amor e à morte, como revelação ou anúncio do bem futuro e instante em que o passado está presente, “abrindo os olhos sobre um fundo eterno”, apresentando, por isso, uma natureza transfiguradora, capaz de anular a morte, enquanto, em Fernando Pessoa, a saudade, que, inicialmente, surge referida às “reminiscências de qualquer outro mundo em que houvéssemos estado”, vem, depois, a articular-se com o sonho e a ser entendida ou vivenciada como saudade imaginada do que nunca foi ou nunca houve, de um possível nunca concretizado, ao mesmo tempo que, em Jaime Cortesão, se liga a um profundo sentido da terra e da paisagem, tocado de franciscana religiosidade, em António Corrêa d’Oliveira assume uma forte dimensão religiosa,

rigorosamente ortodoxa, na linha de um tradicionalismo ruralista e nacionalista, em Afonso Lopes Vieira, superada uma primeira fase de recorte naturalista e cientifista, abeira-se, decididamente, do romanceiro e do cancionero tradicional, numa feição também declaradamente lusitanista e em Mário Beirão é “divina ausência”, “voz da eternidade”, que na paisagem se refracta, “mortal recordação” que o homem, “inútil sombra” e da “escultura de Deus” “argila fria”, se encontra condenado a sofrer, no desterro “doutra existência, das perdidas manhãs do Paraíso”, animado pela “fé num sonho redentor, / em que tudo será no eterno Amor”.

A estas diversas vivências ou experiências saudosas anda associado um também diverso modo de compreender o tempo próprio da saudade, pois se, para alguns, como Corrêa d’Oliveira ou Lopes Vieira, ela se reporta, essencialmente, ao passado ou à ausência, para outros, como Pessoa, refere-se a um tempo sonhado ou imaginado, ao passo que, para outros ainda, como Pascoaes, Mário Beirão ou Patrício, apresenta uma consubstancial dimensão futurante e redentora do homem, do mundo ou de Deus.

8. Também a ficção produzida no âmbito do movimento renascente apresenta diversidade de caminhos estéticos e temáticos, que vão da antecipação expressionista e existencial da obra narrativa de Raul Brandão, em especial de *Húmus* (1917), a sua obra-prima, ou dos contos fantásticos de ... *Daquém e d’além Morte* (1913), de Jaime Cortesão, na linha esquecida de Teófilo e Álvaro do Carvalho (1884-1868), ao esteticismo decadentista de Villa-Moura (1877-1935) e ao regionalismo, de recorte ainda naturalista de Pina de Moraes (1889-1953), de *A paixão do “maestro”* (1922).

Idêntica pluralidade de opções estéticas se revela, ainda, no domínio da criação dramaturgica da *Renascença Portuguesa*, em que com o simbolismo e o saudosismo do teatro de António Patrício, do *D. Carlos*, de Teixeira de Pascoaes e dos dois dramas históricos de Jaime Cortesão, coexiste o expressionismo e a dimensão existencial dos dramas e das farsas de Raul Brandão, o teatro rural de Carlos Selvagem e Américo Durão, o teatro de actualidade do mesmo Selvagem e do Cortesão de *Adão e Eva* ou os autos de inspiração popular de Corrêa d’Oliveira e Afonso Lopes Vieira.

9. Uma última questão considero ser oportuno abordar ainda aqui: a que diz respeito às relações de dissidência, ruptura ou continuidade existentes entre o grupo *Seara Nova* e a *Renascença Portuguesa*, uma vez que na origem e fundação da revista lisboeta estiveram alguns dos principais promotores e associados do movimento cultural surgido dez anos antes na capital do norte, como é o caso de Raul Proença, Jaime Cortesão, Câmara Reys, Augusto Casimiro, Raul Brandão e, dois anos mais tarde, de António Sérgio, vários dos quais continuaram a colaborar em *A Águia* depois da criação do órgão do grupo seareiro, devendo ainda notar-se que, analogamente, pelo menos dois dos directores das duas últimas séries da revista portuense colaboraram, regularmente, na *Seara Nova*, o mesmo acontecendo com outros destacados jovens renascentes, como Agostinho da Silva e José Marinho.

Convém começar por recordar aqui o que Raul Proença escreveu na apresentação do n.º 1 da nova revista lisboeta, publicado em 15 de Outubro de 1921, ao esclarecer que ela queria “chamar a atenção de todo o país para as reformas necessárias e contribuir para que se criasse, em torno dessas reformas, uma opinião nacional que as exigisse e as apoiasse”, do mesmo passo que pretendia “fundar as condições da verdadeira democracia” e “contribuir para a grande e profunda Revolução” que deveria “redimir a nossa Pátria”, esforçando-se, acima de tudo, pela “elevação do Espírito, condição essencial de toda a nobreza da vida humana e das próprias reformas materiais”, em nome do “verdadeiro idealismo”, o que “mergulha as suas raízes nas mais fundas necessidades da existência”, aquele que “exprime a própria vontade de viver uma vida inteiramente humana”, convictos que estavam os seus promotores de que “nenhum esforço de redenção nacional seria possível sem uma “espécie de conversão e de exaltação religiosa dos espíritos”.

Recusando ser um partido político, a *Seara* não deixava, no entanto, de se afirmar contra todas as formas de nacionalismo militarista e de declarar que as suas simpatias iam para os que lutavam pelo triunfo do socialismo, “dentro da ordem, dos métodos democráticos e desse espírito de realidades sem o qual são inteiramente ilusórias quaisquer reformas sociais”.

Se abstrairmos desta clara tomada de posição política, estas palavras do autor de *O eterno retorno* no essencial, não se afastam das ideias contidas no projecto de manifesto da *Renascença Portuguesa* que Proença redigira em decénio antes,

quando afirmava que, através da escola, do livro, da revista, do panfleto, do manifesto, da conferência, da exposição, do inquérito, da viagem de informação de estudo, a nova associação cultural diligenciaria criar, em Portugal, “uma *elite* consciente” e “uma *opinião pública* esclarecida”.

10. Sendo inegável que os dois movimentos, separados uma década na sua criação, prosseguiam objectivos não inteiramente coincidentes, de índole predominantemente educativa e cultural, o surgido, no Porto, em 1912 e de carácter prioritariamente cívico e político, o aparecido, em Lisboa, em 1921, não deve esquecer-se, por um lado, a diversa conjuntura política, social e espiritual em que cada um deles surgiu e, por outro, aquilo que, apesar disso, apresentavam de comum ou em que vinham a convergir: a preocupação pela regeneração ou redenção da Pátria portuguesa, a prioridade conferida à elevação do Espírito e a atenção dada à educação e à cultura ou o lugar conferido aos problemas concretos da vida portuguesa, da economia ao ensino, da agricultura à indústria, dos problemas sociais ao aproveitamento das riquezas naturais do País.

Daí que, se é verdade que, nalguns aspectos não dispiciendos, a *Seara* representou um certo afastamento ou uma relativa ruptura com um movimento que, com a cessação da publicação de *A Vida Portuguesa* e após o afastamento de Pascoaes, sob a direcção exclusiva de Leonardo Coimbra (de 1922 a 1927), tendia, talvez, a confundir-se com a Faculdade de Letras do Porto e a descurar a consideração de problemas sociais, políticos e sociais tornados particularmente agudos com o termo da I Guerra Mundial, por outro lado, não se pode ignorar que, em larga medida, o grupo lisboeta, mais próximo dos centros de poder e mas sensível à gravidade da crise nacional, veio a ser, em larga medida, o herdeiro e continuador, numa situação política, social e cultural muito diversa da de 1912, do mesmo espírito e dos mesmos nobres intuitos de regeneração do País e de incutir uma verdadeira dimensão ética e espiritual numa sociedade e num regime em acelerada degradação política, cívica e moral como era a I República nos inícios dos anos 20 do século passado e que veio a conduzir ao seu definitivo colapso um lustro depois.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 14 DE MARÇO DE 2013)